

**UM ESTUDO SOBRE A EDUCAÇÃO AMBIENTAL PRATICADA POR
PROFESSORAS DO ENSINO FUNDAMENTAL I**
**A STUDY ON ENVIRONMENTAL EDUCATION PRACTICED BY TEACHERS
OF FUNDAMENTAL EDUCATION I**

**Simone Caires¹, Monique Thérèse Schulz Fontoura², Alexandre Maia
do Bonfim³**

¹IFRJ/ Mestre em Ensino de Ciências / sicaires@gmail.com

²IFRJ/ Mestre em Ensino de Ciências / moni.tsf@gmail.com

³IFRJ/ Prof. Dr. do curso de Pós-Graduação em Ensino de Ciências - PROPEC/
alexandre.bonfim@ifrj.edu.br

RESUMO

Entender as diversas interações entre o ser humano e o ambiente ao qual está inserido é um importante objetivo da Educação Básica. Ao conceber que parte indiscutível da formação de um cidadão está vinculada a escola, percebe-se a necessidade de analisar como a Educação Ambiental, um tema transversal, é abordada em sala de aula desde os primeiros anos do Ensino Fundamental. Este trabalho objetivou compreender qual posicionamento professoras de Ensino Fundamental I têm a respeito da Educação Ambiental. Para isso foi realizada uma pesquisa qualitativa a partir da aplicação de um questionário a cinco professoras deste segmento. Os resultados obtidos pelos questionários indicam que as professoras, por serem generalistas e lecionarem várias disciplinas, têm iniciativa e interesse e conseguem abordar de modo transversal e frequente a Educação Ambiental com seus alunos, entretanto suas abordagens não seguem um posicionamento reflexivo e crítico a respeito de questões sociais, políticas e econômicas.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Ensino Fundamental; Trabalho Docente

ABSTRACT

Understanding the diverse interactions between the human being and the environment to which it is inserted is an important objective of Basic Education. When conceiving that an undisputed part of the formation of a citizen is linked to the school, one perceives the need to analyze how Environmental Education, a transversal theme, is approached in the classroom from the first years of Elementary School. This work aimed to understand the positioning of Elementary School I teachers regarding Environmental Education. For that, a qualitative research was carried out from the application of a questionnaire to five teachers of this segment. The results obtained by the questionnaires indicate that, because they are generalists and teach several disciplines, they have initiative and interest and can approach Environmental Education with their students in a transversal and frequent way, however their approaches do not follow a reflexive and critical position regarding social, political and economic issues.

Keywords: Environmental Education; Elementary School; Teaching Work

INTRODUÇÃO

Um estudo da Unesco realizado em todas as regiões do Brasil revelou que há uma relevante demanda no ambiente escolar por projetos de Educação Ambiental (EA). Os dados revelam que os principais objetivos da EA nas escolas são conscientizar alunos e comunidade para a plena cidadania e sensibilizá-los para o convívio com a natureza (UNESCO, 2007). Nesta pesquisa, somente 10 escolas do país implementam a EA como disciplina em sua grade curricular. Em outras escolas do país, a EA está voltada para projetos escolares.

As questões ambientais, há décadas, têm sido motivo de inquietação e preocupação da sociedade na medida em que seus impactos são cada vez mais observados. Particularmente a partir de 1970, houve o surgimento de movimentos ambientalistas precursores da construção de uma EA que permeou diversas esferas, como a econômica, política e educacional.

Dialogando nesse sentido, Bomfim e Piccolo (2011) abordam que a preocupação com questões ambientais se originou a partir da percepção cultural da degradação do ambiente, fruto de uma sociedade ocidental moderna e capitalista cuja visão sobre a natureza é desvalorizada e seus recursos são considerados infinitos.

Em vista de uma concepção mais real sobre o ambiente e sua relação com o ser humano, surge a necessidade de entender mais profundamente as questões políticas, econômicas e sociais que envolvem a problemática ambiental. Um exemplo disso é considerar o papel do “consumismo” na crise ambiental, a fim de conceber a EA com um viés crítico, que considere o papel das grandes empresas e das decisões políticas tanto quanto ou mais que os impactos causados por ações individuais. Bomfim e Piccolo (2011) e Deluiz e Novicki (2004) discutem a importância de se analisar o papel do consumismo e do capitalismo nas sociedades ocidentais modernas, propondo um modelo alternativo de desenvolvimento que contrarie o hegemônico estabelecido, cujas concepções e práticas educativas estejam apoiadas na sustentabilidade democrática.

Essa necessidade existe para contrapor a noção de desenvolvimento sustentável advogada por anos, no qual seu discurso é a favor da utilização consciente dos recursos naturais para sua preservação futura sem, contudo, questionar o próprio consumismo, fruto da sociedade capitalista em que vivemos. Desse modo, Sorrentino *et al.* (2005) discutem que o conceito de desenvolvimento sustentável atual indica um tratamento dado à natureza como um recurso ou matéria-prima destinados a um mercado cujo

acesso é limitado àqueles que têm o controle do capital. O paradigma em questão, de acordo com os autores, mantém o padrão de desenvolvimento que gera desigualdades na distribuição e acesso a esses recursos, gerando pobreza.

Assim, entendemos ser necessário questionar o modelo capitalista e, conseqüentemente, o próprio consumismo, em busca da compreensão sobre as condições socioambientais atuais. Considerar interações relação entre o ambiente e o ser humano sem refletir suas interações de forma social, econômica e política torna a EA neutra e ingênua.

Para Loureiro (2006), a marca principal da EA Crítica está em afirmar que, por ser uma prática social como tudo aquilo que se refere à criação humana na história, ela necessita vincular os processos ecológicos aos sociais na leitura de mundo, na forma de intervir na realidade e de existir na natureza.

A EA, por ser um tema transversal, deve perpassar todas as disciplinas ao longo da Educação Básica (BRASIL, 1997). Porém, devido a um modelo de currículo fragmentado presente principalmente nos Ensinos Fundamental II e Médio, ela é frequentemente associada apenas a algumas disciplinas, como Ciências, Biologia e Geografia. Desse modo, a abordagem da EA em sala de aula em outras disciplinas fica à critério do professor e por vezes não é contemplada. Entendemos que a fragmentação da educação não aporta uma efetiva EA, visto que “[...] as partes que formam a totalidade não bastam para explicá-la. Ao contrário, é a totalidade que explica as partes” (MILTON SANTOS, 1997, apud GUIMARÃES, p.71). Nesse sentido, entende-se ser necessário aproximar os fins da EA à sensibilização do convívio com a natureza e à conscientização para a cidadania plena. (UNESCO,2007)

Neste aspecto, os professores de Ensino Fundamental I têm importante papel por possuírem uma formação inicial generalista. Isto é, por serem habilitados a lecionar diversas disciplinas, a EA pode ser facilmente abordada de forma transversal, embora seja importante atentar-se para a existência de muitas carências relativas à formação limitarem sua capacidade de aprofundamento (MAGALHÃES JUNIOR e TOMANIK, 2013).

Analisando a situação do consumismo dentro das escolas, especialmente aquelas cujos alunos pertencem à classe média com amplo poder de consumo, percebe-se uma posição acrítica e ingênua sobre os bens consumidos. Ou seja, defende-se que se deve preservar o ambiente e seus recursos, porém pouco se questiona sobre a efemeridade e

Em relação à segunda pergunta, percebe-se uma preocupação com possíveis problemas ocasionados pelo uso indevido dos recursos naturais. Todas as professoras consideraram importante a abordagem da EA nas escolas, com as seguintes justificativas:

Quadro 2: Educação Ambiental é um tema importante a ser abordado na escola? Por quê?

Professora	Respostas
1	<i>“O planeta vive um perigo eminente de colapso ambiental onde poderá haver (de forma global e irreparável) falta de recursos naturais básicos para a sobrevivência das espécies. Por esse motivo, faz-se urgente a Educação Ambiental nas escolas para que as crianças, desde cedo, incorporem práticas sustentáveis e de respeito com o meio ambiente.”</i>
2	<i>“Ao inserir esse tema temos a chance de mostrar as crianças a importância de se relacionar com o planeta de maneira responsável e sustentável.”</i>
3	<i>“Porque quanto mais cedo as pessoas tomarem consciência da responsabilidade de cada um nesse processo, mais chances teremos de mudar a forma como olhamos o meio ambiente.”</i>
4	<i>“Porque a escola é um ambiente que pode, e deve, oferecer aos alunos muito mais do que conteúdos pré-determinados, de disciplinas que já fazem parte do currículo escolar. Como um agente fundamental do processo de formação de cidadãos críticos e conscientes, a escola pode, de diferentes maneiras, principalmente por meio da Educação Ambiental, levar os alunos a pensar sobre a importância do meio ambiente para a vida, o que a sociedade tem feito em prol do mesmo e o que pode ser mudado a fim de melhorar a relação homem x natureza. Além disso, na escola, de uma forma didática, os alunos podem ter uma noção mais ampla das consequências que a falta de cuidados com o meio ambiente pode gerar a todos.”</i>
5	<i>“A escola é formadora de opiniões e pode fomentar o conhecimento pelo ambiente. É um espaço próprio para impactar esta inter-relação.”</i>

Analisando as respostas da questão 2, nota-se que a conceituação de EA apresenta-se de forma superficial. Nesse sentido, observamos que as professoras colocaram esses conceitos de forma rasa quando respondem que a EA é voltada somente para as questões dos recursos naturais e o meio ambiente. De acordo com Loureiro (2007), para não cairmos em uma visão homogeneizadora ou simplificada, é preciso conceber diferentes abordagens, refutando caminhos e construindo outros, de modo a influenciar as práticas educativas docentes. Para isso, entende-se que maiores aprofundamentos do conceito são necessários para que possam ser gerados alguns questionamentos com base em um olhar crítico.

Ainda referente à segunda pergunta, quando questionadas sobre a importância da EA, as professoras expressaram discursos semelhantes quando entendem que a EA é um tema que deve ser abordado desde o início da Educação Básica. Suas visões, porém, Campus da Praia Vermelha/UFF

relacionam-se quase que exclusivamente às noções de sustentabilidade. Ao se pensar sobre esse termo, entendemos que tenha relação com práticas socioambientais que integrem a sociedade, considerando as questões ambientais dentro do sistema econômico predominante. Para Loureiro (2007), a EA necessita vincular os processos ecológicos aos sociais na leitura de mundo, na forma de intervir na realidade e de existir na natureza.

Não obstante, as professoras afirmaram – com diferentes argumentos - que a escola pode propiciar um melhor entendimento da relação entre o ser humano e a natureza. Na resposta da professora 1, por exemplo, percebe-se em seu discurso que a justificativa para a EA nas escolas se baseia na expectativa de uma futura situação catastrófica. A professora 4, por sua vez, descreve com detalhes a possibilidade da escola oferecer conhecimentos aos alunos além daqueles que estão explícitos em um conteúdo programático, privilegiando o desenvolvimento da criticidade e conscientização e abordando as relações individuais e coletivas do ser humano com o ambiente que o cerca.

Em relação à questão 4, quando questionadas sobre a frequência e abordagem da EA em sala de aula, todas afirmaram fazer uso frequente do tema nas disciplinas em que atuam, principalmente por meio do diálogo. Algumas, também, comentaram a abordagem por vivências e estímulo a atitudes que, embora essencialmente individuais, promovem a conscientização sobre questões ambientais:

Quadro 4: Você aborda a Educação Ambiental em sala de aula? Por quê? De quais formas essa abordagem ocorre? Descreva algumas ações que você realizou para promovê-la, caso tenha feito.

Professora	Respostas
1	<i>“Por acreditar na urgência de uma mudança dos padrões comportamentais da sociedade. Precisamos nos perceber como parte de um grande organismo vivo que é o planeta Terra e acreditar na lei de causa e efeito. Eu costumo trabalhar mais no campo da conscientização do que da prática. Por trabalhar em escolas conteudistas, não me sobra muito tempo para praticar, regularmente com os alunos, experimentos e vivências. Por esse motivo, eu promovo muitos debates com troca de experiências entre todos os envolvidos. Procuro conversar francamente e passar vídeos com temas que os sensibilizem. Na medida do possível, promovo desafios com experimentos e aulas práticas, mas são esporádicas.”</i>
2	<i>“Porque acho de extrema importância para o futuro da vida humana no planeta Terra. De diversas maneiras, através de pesquisas, vivências e debates. Mostrando por meio de debate que alguns recursos, essenciais</i>

	<i>para a nossa sobrevivência, não são renováveis e, por isso é essencial que usemos de maneira responsável, evidenciando através de pesquisas que a ação do homem tem modificado o ecossistema colocando em risco o habitat de muitos animais, etc.”</i>
3	<i>“Acredito que, quanto mais o tema é discutido, mais frutos bons essa reflexão nos trará. Esse tema precisa fazer parte do nosso cotidiano, e não há lugar melhor que a sala de aula. Frequentemente, como professora de Língua Portuguesa, trabalho textos que abordam o tema, direta ou indiretamente. E também em pequenas atitudes, como a economia de papel, a preocupação com o lixo etc.”</i>
4	<i>“Porque acho muito importante que os alunos percebam que o meio ambiente é de suma importância para a nossa vida e que com pequenas atitudes, que fazem parte do cotidiano de cada um, podemos reduzir os danos à natureza e melhorar a nossa vida em sociedade. Não permitindo que os alunos sujem os ambientes da escola, conversando constantemente sobre os benefícios que o cuidado com o meio ambiente pode gerar, quais atitudes com relação a preservação da natureza, de forma geral, devem ser tomadas, e quais devem ser evitadas.”</i>
5	<i>“Ocorre principalmente a partir do livro didático. Eventualmente através de vídeos sobre o assunto abordado e em conversas sobre atualidades. Faz-se necessário na disciplina em que atuo: Geografia, ou por algum fato ocorrido no dia a dia.”</i>

O que se observa nas respostas da questão 4 é uma simplificação da EA na fala das professoras. Uma abordagem contextualizada também é observada, porém fica apenas nesta esfera. A proposta de se trabalhar a EA fica neste nível de complexidade e o que se entende a partir de algumas respostas é que a necessidade de cumprimento de um currículo dificulta possíveis aprofundamentos nas questões ambientais. Um outro aspecto que vai ao encontro dessa situação e relaciona ao fato da necessidade de seguir o livro didático, não como apoio ou complemento, mas como recurso fundamental para o encaminhamento das aulas, esbarrando, mais uma vez, na questão curricular que os professores devem cumprir no ano letivo.

Os resultados obtidos demonstram que as professoras entrevistadas possuem uma visão transversal da EA e uma preocupação em conscientizar seus alunos a respeito das relações do ser humano com o ambiente que o cerca. Embora a maioria das respostas não especifique atitudes em sala de aula, todas as professoras abordam a EA através de discussões que fomentam reflexões particulares e favorecem o amadurecimento intelectual e o senso crítico. É possível perceber uma preocupação com as condições do ambiente do presente e do futuro que justificam iniciativas de conscientização especificamente individuais.

Percebe-se que em nenhuma das respostas houve referência à importância de uma EA que melhore a qualidade de vida de populações mais pobres, diminuindo a

desigualdade social ou que refreie o consumismo respaldado pela economia vigente. Apesar de todas demonstrarem preocupação a respeito do consumo consciente de recursos naturais, o discurso parece vago e alheio às realidades individuais da comunidade escolar. De acordo com Jacobi (2003):

Refletir sobre a complexidade ambiental abre uma estimulante oportunidade para compreender a gestação de novos atores sociais que se mobilizam para a apropriação da natureza, para um processo educativo articulado e comprometido com a sustentabilidade e a participação, apoiado numa lógica que privilegia o diálogo e a interdependência de diferentes áreas de saber. Mas também questiona valores e premissas que norteiam as práticas sociais prevaletentes, implicando mudança na forma de pensar e transformação no conhecimento e nas práticas educativas (JACOBI, 2003).

Analisando as respostas obtidas, percebe-se ser necessário um questionário que permita mais reflexões ou outro instrumento de coleta de dados, pois não sabemos se os aspectos ausentes mencionados anteriormente não foram abordados devido à opção metodológica ou à ausência de reflexão sobre este assunto por parte das professoras.

Ainda há de se considerar que, por serem as professoras do mesmo meio profissional que uma das autoras, talvez as respostas não expressem exatamente tudo o que poderia ser colocado. Por isso, faz-se necessário que novas abordagens sejam feitas, com um grupo de professores que não tenha proximidade com os autores.

Considerações finais

A formação generalista dos professores de Ensino Fundamental I e a possibilidade de atuação concomitante nas diversas disciplinas durante o processo educativo de uma criança permite que eles tenham um amplo poder de abordar transversalmente a EA, se comparados aos professores especialistas do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

Percebe-se que as professoras dessa pesquisa assumem essa postura em suas práticas pedagógicas através, principalmente, do fomento à discussão em sala de aula. Nota-se, também, que as discussões giram em torno de conscientização de atitudes que tangem principalmente a esfera individual, sem problematizar questões sociais.

Considerando que as professoras entrevistadas trabalham em uma escola particular de classe média e sendo as crianças e jovens dessa classe aquelas que possuem amplo poder de consumo, é necessário que a abordagem da EA seja feita para
Campus da Praia Vermelha/UFF

além da conscientização individual. É claro que é importante o estímulo a atitudes individuais de conservação do ambiente, mas, embora sejam novos e com capacidades reflexivas diferentes, as crianças são capazes de fazer reflexões críticas, contanto que sejam estimuladas para tal.

Assim, é necessário que a EA neste segmento abarque discussões um pouco mais complexas, como àquelas sobre os impactos do consumismo para o ambiente, as desigualdades sociais, a relação entre os impactos ambientais e os mais pobres, a responsabilidade ambiental das empresas e órgãos governamentais, dentre outras possibilidades.

Nesse sentido, Jacobi (2003) argumenta que há uma crescente demanda por maior motivação e mobilização da sociedade, a fim de questionar a falta de iniciativa do governo na implementação de políticas relacionadas à sustentabilidade e desenvolvimento em um contexto de dificuldade na promoção da inclusão social. Para Loureiro (2007), crítica sem autocrítica é problematizar o movimento da vida querendo ficar de fora, sem colocar a “mão na massa”, algo inaceitável para uma perspectiva na qual não pode haver oposição entre teoria e prática.

Considera-se que, para isso, é importante que os professores assumam uma postura mais crítica na abordagem da EA em sala de aula, abdicando de uma visão ingênua e simplista das questões ambientais cujas causas e consequências não são consideradas.

REFERÊNCIAS

BOMFIM, A.M.; PICCOLO, F.D. Educação ambiental crítica: a questão ambiental entre os conceitos de cultura e trabalho. *Rev. Eletronica Mestr. Educ. Ambient.*, Rio de Janeiro, v.27, p. 184-195, 2011.

BRASIL. Constituição Brasileira de 1988. Brasília, 5 de outubro de 1988.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais: Meio ambiente e Saúde, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

DELUIZ, N.; NOVICKI, V. Trabalho, meio ambiente e desenvolvimento sustentável: implicações para uma proposta de formação crítica. *Boletim Técnico do Senac*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 19-29, maio/ago. 2004.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.^a edição.

GUIMARÃES, M. A formação de Educadores Ambientais. 8. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

JACOBI, P. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. Cadernos de Pesquisa, n. 118, março/ 2003 Cadernos de Pesquisa, n. 118, p. 189-205, março, 2003.

LAYRARGUES, P.P; CASTRO, R. S (orgs.). Pensamento complexo, dialética e educação ambiental. – São Paulo, Cortez, 2006.

LOUREIRO, C. F. B. Trajetória e fundamentos da educação ambiental. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MAGALHAES JUNIOR, C.A.O.; TOMANIK, E.A. Representações sociais de meio ambiente: subsídios para a formação continuada de professores. Ciência & Educação, v. 19, n. 1, p. 181-199, 2013.

PADUA, J. A. As bases teóricas da educação ambiental. *Estudos Avançados*, vol 24 n° 68, São Paulo, 2010.

SANTOS, A.R.; CUNHA, M.M. O consumismo e sua manifestação no espaço escolar. Revista Eventos Pedagógicos, v.3, n.2, p. 21 - 30, mai - Jul. 2012.

SORRENTINO, M.; TRAJBER, R.; MENDONÇA, P.; FERRARO JUNIOR, L.A. Educação ambiental como política pública. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 285-299, maio/ago. 2005.